

1ª Série do Ensino Médio

LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA

TEXTO I

TABULEIRO POPULAR

Na Vila Conceição, um dos bairros mais pobres de São Paulo, não há quem não saiba jogar xadrez

Garotos da periferia de São Paulo estão quebrando o estigma de que xadrez é jogo somente para ricos ou intelectuais. Na Vila Conceição, extremo leste e uma das regiões mais pobres da capital paulista, quase todos os jovens da comunidade movem as peças do tabuleiro com maestria. Tudo começou há menos de três anos, com os monitores de um centro de informática do Acesso São Paulo, programa de inclusão digital do governo do Estado, instalado dentro da associação do bairro.

O acesso aos computadores despertou a curiosidade da comunidade, sedenta por inclusão digital. Todos queriam utilizar os equipamentos, navegar na Internet, montar currículos. Mas com o uso limitado das máquinas – cada pessoa tem direito a apenas 30 minutos – as filas ficavam cada vez maiores e mais gente se aglomerava nas portas da associação. Ao lado da fila, os monitores jogavam xadrez. “O pessoal via a gente jogando e perguntava como podia aprender”, conta a monitoria Érica Regina Alves, de 21 anos. “Daí, a gente pensou em começar a ensinar xadrez para o pessoal da fila. Assim, eles podiam se distrair enquanto esperavam”, diz Érica. O jogo pegou. Do grupo de jovens, já saíram dois campeões municipais e medalhistas em disputas regionais entre escolas e clubes.

(Época, 13 de dezembro, 2004)

01. De acordo com o texto lido, por que os garotos da periferia de São Paulo estão quebrando o estigma de que xadrez é jogo somente para ricos e intelectuais?

- (A) Porque eles estão sedentos por inclusão digital.
- (B) Porque eles não possuem outra opção de lazer.
- (C) Porque, dos jovens pobres da Vila Conceição, já saíram dois campeões municipais e medalhistas, em disputas regionais.
- (D) Porque o jogo é um passatempo para quem está na fila, esperando para navegar na Internet.
- (E) Porque jogar xadrez pode ajudar a entender melhor o uso do computador.

02. Sobre o texto, só **não** é correto afirmar:

- (A) É um texto jornalístico, informando um fato da realidade.
- (B) Tem como função da linguagem predominante a referencial.
- (C) Predomina a linguagem denotativa por ser um texto literário.
- (D) Predomina a função poética da linguagem por ser um texto poético.
- (E) É um texto em prosa, narrativo.

TEXTO II

ATÉ O FIM

“Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.”

(Chico Buarque)

TEXTO III

POEMA DE SETE FACES

“Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.”

(Carlos Drummond de Andrade)

03. Os dois poemas apresentam o mesmo tema, que é:

- (A) a revolta do sujeito poético por seu destino;
- (B) a anunciação do anjo torto;
- (C) a abordagem irônica do anjo;
- (D) o sentimento de marginalidade do sujeito poético diante do mundo;
- (E) o nascimento do sujeito poético.

04. Os dois poemas (II e III) estabelecem intertextualidade. O anjo é um elemento comum aos dois textos. Em ambos, ele é tratado de forma:

- (A) anticonvencional;
- (B) afetiva;
- (C) agressiva;
- (D) convencional;
- (E) religiosa.

05. No 1º verso do texto II, vemos uma conjunção, cujo valor é:

- (A) final;
- (B) consecutivo;
- (C) temporal;
- (D) condicional;
- (E) concessivo.

06. No verso: “Mas vou até o fim”, do poema II, encontramos:

- (A) uma conjunção de valor explicativo;
- (B) uma preposição com valor de origem;
- (C) uma preposição com valor causal;
- (D) uma conjunção de valor conclusivo;
- (E) uma conjunção de valor adversativo.

TEXTO III

“Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino de Família, mas também não era um Menino de Rua. É assim que a gente divide. Menino de Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino de Rua. Menino de Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. (...)

Na verdade não existem meninos DE rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.”

(COLASANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

07. A crônica acima nos leva a refletir sobre alguns temas sociais e existenciais.

Assinale a única alternativa em que **não** se abordou um desses temas:

- (A) o preconceito preestabelecido que as pessoas trazem consigo sobre crianças que vivem nas ruas;
- (B) o fato, de que, às vezes, vivemos com tanta pressa que nem dá tempo de reparar nas outras pessoas;
- (C) o fato de que as relações interpessoais, em geral, andam abaladas pela falta de tempo;
- (D) a questão da diferença entre meninos **de rua** e meninos **na rua**;
- (E) o fato de que meninos **de família** devem ser sempre mais respeitados que os de rua pelo fato simples de que os de família não possuem maus hábitos.

08. No terceiro parágrafo, em: “... não existem meninos **DE** rua. Existem meninos **NA** rua.”, a troca de **DE** pelo **NA** determina que a relação de sentido entre **menino** e **rua** seja:

- (A) de localização e não de qualidade;
- (B) de origem e não de posse;
- (C) de origem e não de localização;
- (D) de qualidade e não de origem;
- (E) de posse e não de localização.

09. No trecho: “...durante muitos anos **também** são postos onde quer que estejam.”

A palavra sublinhada possui uma classificação especial que é palavra denotativa de:

- (A) realce;
- (B) inclusão;
- (C) designação;
- (D) retificação;
- (E) exclusão.

10. Assinale a única alternativa onde **não há ocorrência** do **que** como pronome relativo:

- (A) O livro que li é de autor brasileiro.
- (B) Tenho que trabalhar e nesse fim de semana.
- (C) O sol, que nos encanta, deve ser aproveitado com cuidado.
- (D) O homem que me viu parecia nervoso.
- (E) A cidade a que vais está hoje entre as mais agradáveis do país.

TEXTO V

“O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.”

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.)

11. Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de:

- (A) oposição;
- (B) comparação;
- (C) conclusão;
- (D) alternância;
- (E) finalidade.

12. Destaque a frase em que o pronome relativo está sendo usado corretamente:

- (A) Ele é um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
- (B) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
- (C) Comprou uma casa linda cuja casa custou uma fortuna.
- (D) Preciso de um pincel, sem o cujo não poderei terminar o meu quadro.
- (E) Os jovens cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

13. Leia:

“Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.”

A oração que se inicia com o conectivo **à medida que** oferece à anterior uma idéia de:

- (A) proporção;
- (B) concessão;
- (C) consecução;
- (D) tempo;
- (E) condição.

TEXTO VI

DONA ÂNGELA

“Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente¹,
Em quem, senão em vós se uniformara²?

Quem veria uma flor, que a não cortara³
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente⁴,
Que por seu Deus, o não idolatrara⁵?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis⁶ o meu custódio⁷, e minha guarda,

Livrara⁸ eu de diabólicos azares.

Mas vejo que, tão bela e tão galharda⁹,
Posto que¹⁰ os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo que me tenta e não me guarda.”

(Gregório de Matos)

1. florescente, em flor;
2. uniformaria, isto é, se juntaria;
3. cortasse;
4. brilhante;
5. idolatrasse;
6. sérieis;
7. proteção;
8. livraria;
9. elegante, garbosa;
10. ainda que.

14. Na primeira estrofe, o eu lírico faz um jogo de palavras com o nome da mulher – Ângela – que lembra uma planta (angélica) e um anjo (*angelus*, em latim, é anjo). Na segunda estrofe, o eu lírico:

- (A) estabelece uma relação de oposição entre a flor e o anjo;
- (B) diz ser impossível não ceder à beleza da flor, assim como à adoração do anjo;
- (C) diz que o anjo é tão luzente que seria impossível não confundir-lo com Deus;
- (D) compara o puro amor com a ternura da flor;
- (E) reconhece que ou se idolatra a flor ou o anjo.

15. Na última estrofe do poema, observamos uma das figuras de linguagem presentes no Barroco, que é:

- (A) antítese;
- (B) prosopopéia;
- (C) metonímia;
- (D) sinestesia;
- (E) hipérbole.